



Política "Head Start"

Atualização Janeiro 2011

Índice

Síntese 5

Política Head Start 9

JASON T. HUSTEDT, PHD, W. STEVEN BARNETT, PHD, ABRIL 2017

Impacto econômico do Head Start 15

JANET CURRIE, PHD, ABRIL 2009

Política Head Start: Comentários de Currie, e Hustedt e Barnett 23

EDWARD ZIGLER, PHD, DEZEMBRO 2005

Tema financiado por:



Síntese

Qual é sua importância?

Head Start é um programa americano de educação infantil para crianças em condições menos favorecidas. Este programa, criado em 1965 e financiado pelo governo federal, é considerado atualmente o maior provedor educacional nos Estados Unidos para crianças em idade pré-escolar que vivem em situações de pobreza. Em 2005 - 2006, atendeu aproximadamente 900 mil inscritos com idade entre 3 e 4 anos.

O *objetivo inicial do programa* era elevar o nível das crianças carentes, de tal forma que, ao atingir a idade de ingresso no ensino fundamental, estivessem equiparadas às que viviam em condições mais favorecidas. Uma vez que os idealizadores do programa *Head Start* reconheceram que crianças pequenas que vivem em situações de pobreza precisam muito mais do que apenas educação pré-escolar para o ingresso no ensino fundamental, o programa adota uma *abordagem integral*, oferecendo uma mescla de serviços educacionais, sociais, nutricionais e de saúde para crianças entre 3 e 5 anos de idade e suas famílias de baixa renda. Mais especificamente, esses serviços incluem educação na primeira infância, exames médicos, refeições nutritivas e capacitação dos pais.

O *Early Head Start* é uma iniciativa associada, que oferece serviços para mais de 60 mil crianças menores de 3 anos de idade. Esse programa foi criado em 1994.

O que sabemos?

O *Head Start* é frequentemente visto como um “laboratório” para desenvolver intervenções eficazes para crianças que vivem em condições de pobreza. Por esse motivo, questões que envolvem esse programa têm amplas implicações em políticas de educação na primeira infância como um todo.

As crianças que participam do *Head Start* são selecionadas entre as mais carentes de suas comunidades, e são frequentemente encaminhadas ao programa por outras entidades sociais. Infelizmente, o *Head Start* não dispõe de verba suficiente para atender a todas as crianças que vivem em condições de pobreza. Atualmente, apenas 60% das crianças elegíveis participam do

Head Start. Um dos inúmeros *desafios* enfrentados pelo programa é a falta de recursos, o que impede a realização do objetivo de oferecer serviços abrangentes às crianças de famílias de baixa renda. Outro desafio é a oscilação da renda das famílias, que dificulta estabelecer os critérios de inclusão do conjunto de crianças elegíveis para o programa, por períodos mais longos. A baixa qualificação dos professores também é um problema. Por fim, há intensos debates sobre a combinação ideal de serviços oferecidos (educacionais *versus* sociais e de saúde, focados na criança *versus* focados na família, etc.).

Foram desenvolvidos muitos estudos sobre o impacto do *Head Start*, mas a maioria deles têm problemas metodológicos (geralmente com grupos de comparação), dificultando a interpretação dos resultados. Todavia, evidências apóiam a conclusão geral de que as crianças participantes do programa apresentam modestos benefícios, tanto no curto como no longo prazo.

Em um estudo comparativo entre as crianças participantes do *Head Start* e seus irmãos que não participam, os *benefícios de longo prazo relatados* incluem: aumento das taxas de conclusão no ensino médio e de frequência no ensino superior para participantes brancos, e redução do número de acusações criminais ou condenações entre participantes afro-americanos. Em outro estudo recente, porém de pequena escala, pesquisadores observaram resultados positivos nas áreas cognitiva e de saúde das crianças, assim como benefícios na saúde e nos cuidados de proteção dos pais.

Até o momento, estudos do *Head Start Impact Study*, em andamento, combinam o melhor formato experimental com uma amostra representativa em termos nacionais, que inclui cerca de cinco mil crianças. Compara os progressos nas áreas cognitiva, socioemocional, de saúde e de cuidados dos pais de crianças escolhidas aleatoriamente no grupo *Head Start* e em grupos não pertencentes ao programa. Resultados iniciais mostram avanços modestos depois de um ano de participação no *Head Start*. Efeitos positivos foram apontados especialmente nos escores de identificação de letras e palavras, de testes de pré-escrita e de vocabulário, e na frequência com que os pais leem para seus filhos. Nenhum resultado significativo foi constatado na área de compreensão oral e matemática. O maior impacto foi registrado nos relatos dos pais em relação à habilidade de letramento de seus filhos, e no atendimento dentário recebido.

Outro estudo comparou os dados extraídos de programas *Head Start* com dados referentes à criança extraídos do *National Longitudinal Survey of Youth (NLSY)*. O resultado mostrou que os programas *Head Start*, com gastos mais elevados per capita e com atividades mais focadas na

criança – como educação, saúde e nutrição –, tendem a produzir melhores resultados para elas.

Diversas avaliações recentes examinam os efeitos do *Early Head Start*, que tem como meta o atendimento de crianças desde o nascimento até 3 anos de idade. Efeitos no curto prazo parecem ser muito positivos, uma vez que as crianças participantes obtêm escores significativamente mais altos em diversos testes cognitivos, mostram comportamento menos agressivo e menos negativo em relação aos pais durante brincadeiras, e crianças com 3 anos de idade demonstram maior tempo de concentração em um único objeto enquanto brincam. Ainda não foi possível avaliar por quanto tempo esses ganhos serão mantidos.

O que pode ser feito?

Os resultados modestos associados à participação no *Head Start* sugerem que o programa ainda não atingiu seu potencial máximo. Uma explicação possível para esse fato é que os serviços educacionais oferecidos são muito fracos. Na verdade, menos de um terço dos professores do *Head Start* tem bacharelado ou um nível educacional mais alto.

Um autor recomenda que cada *professor* responsável por uma turma do *Head Start* tenha bacharelado em educação infantil, e que cada professor assistente tenha concluído um curso técnico na área ou tenha certificação em desenvolvimento infantil. É preciso reconhecer a grande dificuldade em melhorar a trajetória de crianças que vivem na pobreza, e o programa deve ser ampliado para dois anos (68% dos participantes frequentam o programa por apenas um ano). Entretanto, uma vez que atualmente o *Head Start* atinge somente 60% das crianças elegíveis, e quase nenhuma delas que vive próximo da linha da pobreza, não se pode justificar o prolongamento sistemático do programa.

Tendo em vista que os estados vêm-se organizando para desenvolver e implementar uma educação infantil universal, a vasta experiência dos programas *Head Start* deve ser utilizada para informar e orientar essas novas iniciativas. Sua ênfase deve ser alterada para oferecer serviços abrangentes para as crianças e suas famílias, e inclusive oferecendo serviços de saúde mental para crianças com dificuldades emocionais e comportamentais pertencentes a qualquer nível socioeconômico. Da mesma forma, o *Early Head Start* também deve ser ampliado, uma vez que consiste em uma abordagem preventiva contra insuficiência na prontidão escolar.

Ao estabelecer prioridades e aprimorar os programas *Head Start*, algumas *questões-chave* permanecem: o programa *Head Start* tem impacto positivo e duradouro para as crianças? Em que áreas? Os benefícios são satisfatórios a ponto de compensar o investimento financeiro? Os programas *Head Start* devem ser expandidos para atender a todas as crianças que vivem em condições de pobreza? Os benefícios são diferentes de acordo com os diferentes subgrupos da população? Os efeitos do programa são extintos com o passar do tempo? Caso positivo, por quê? Tendo em vista as variações locais dos programas *Head Start*, quais são os atributos dos mais bem-sucedidos? Qual combinação de serviços é eficaz e qual tipo de currículo deve ser oferecido?

Uma vez que o *Head Start* permanece em desenvolvimento, pesquisas sobre o programa contribuirão para aprimorar nosso conhecimento sobre como tornar mais eficazes intervenções para crianças que vivem em condições de pobreza.

Política Head Start

Jason T. Hustedt, PhD, W. Steven Barnett, PhD

National Institute for Early Education Research, Universidade Rutgers, EUA

Abril 2017, 2e éd. rév.

Introdução

Com mais de U\$8 bilhões de recursos federais durante o ano fiscal de 2015, e aproximadamente 940 mil crianças matriculadas,¹ o Head Start é a maior iniciativa do governo federal dos EUA para crianças pequenas que vivem em condições de pobreza. Estabelecido em 1965 nos Estados Unidos, esse programa, financiado pelo governo federal, adota uma abordagem abrangente para a melhoria do aprendizado e o desenvolvimento infantil, oferecendo uma mescla de serviços educacionais, sociais, nutricionais e de saúde para crianças entre 3 e 5 anos de idade e suas famílias de baixa renda. Por meio de uma iniciativa parceira muito menor, mas em expansão – o Early Head Start – são oferecidos serviços também para crianças menores de 3 anos e mulheres grávidas.

Do que se trata

O Head Start é visto frequentemente como o “laboratório” da nação para desenvolver intervenções eficazes para crianças que vivem em condições de pobreza. Assim sendo, questões relacionadas a esse programa têm ampla repercussão em políticas de Educação na Primeira Infância em geral. Para a maioria das crianças, o Head Start teve início como um programa de verão em período parcial. Atualmente, as crianças podem matricular-se no Head Start / Early Head Start por dois anos ou mais, e muitos programas funcionam em período integral ou integram-se a outros programas para oferecer um período mais longo. Entretanto, ainda permanecem sérias questões sobre a disponibilidade e a eficácia do programa. O que as pesquisas relatam sobre o alcance e os resultados do programa? Quais são as principais questões políticas que o Head Start enfrentará no futuro?

Problemas

O Head Start tem enfrentado desafios para atingir o objetivo de oferecer serviços abrangentes para crianças de famílias de baixa renda. A principal dificuldade decorre de não ter recebido verba

suficiente para oferecer seus serviços a todas as crianças que vivem em condições de pobreza. Além disso, uma vez que a renda das famílias varia significativamente, um desafio constante é identificar as crianças elegíveis para participar do programa em determinado momento. Por fim, outros itens que ainda são debatidos são: a melhor combinação de serviços oferecidos (educacionais, sociais, de saúde, etc.), a qualificação de professores (mais baixa do que aquela exigida para todos os professores do jardim de infância da rede pública e de algumas iniciativas estaduais de educação pré-escolar) e o currículo (o que ensinar e como ensinar).

Contexto e perguntas-chave das pesquisas

Desde o final da década de 1960, foram realizados inúmeros estudos sobre o impacto do Head Start. Alguns indicam que o programa foi eficaz e outros relatam que os benefícios gerados pelo programa são transitórios. Muitas dessas pesquisas apresentam falhas metodológicas, o que dificulta a interpretação dos achados. Entretanto, evidências apoiam a conclusão geral de que crianças participantes do programa obtêm benefícios de curto e longo prazos.² Estudos realizados nas últimas duas décadas têm sido mais consistentes em termos metodológicos e fornecem melhores estimativas do impacto em comparação com estudos anteriores. Uma pergunta-chave é: em que medida a frequência a programas Head Start afeta o desenvolvimento da criança, em comparação a crianças com características demográficas similares que não participam do programa?

Resultados de pesquisas recentes

Estudos inovadores e cada vez mais rigorosos vêm ampliando a base de conhecimentos sobre o Head Start, com novas implicações sobre como o programa pode prestar melhor atendimento às crianças.

Em um estudo sobre os resultados do programa no longo prazo, Garces, Thomas e Currie³ analisaram dados nacionais auto-relatados sobre a frequência dos participantes no Head Start para comparar irmãos, quando apenas um participara do programa. Alguns dos benefícios relatados nesse estudo são o aumento das taxas de conclusão no ensino médio e na frequência no ensino superior para participantes brancos, e redução do número de acusações criminais ou condenações entre participantes afro-americanos. As falhas dessa pesquisa incluem a impossibilidade de confirmar com precisão dados de frequência auto-relatados e a suposição estatística de que a participação de um irmão no Head Start não tem efeito sobre o irmão não

participante. Outra abordagem criativa para estimar os benefícios de longo prazo do Head Start constata que o programa leva a um aumento no número de formandos no ensino médio e nas taxas de frequência dos alunos no ensino superior.⁴

Em 1997, pesquisadores começaram a coletar dados para um estudo de larga escala financiado pelo governo, conhecido como Family and Child Experiences Survey (FACES).⁵ O FACES foi idealizado para investigar o impacto dos serviços educacionais e ampliados do Head Start, com base em amostras representativas em nível nacional. Este estudo está em andamento, disponibilizando atualmente dados para cinco coortes de crianças. Entretanto, apesar do escopo desse estudo descritivo e de suas amostras representativas, não foram usados grupos para comparação, e o estudo não utiliza um método sólido para inferir o impacto do programa sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

Um estudo de pequena escala realizado por Abbott-Shim et al.⁶ utilizou um modelo aleatório para selecionar crianças de um programa Head Start com lista de espera. Os participantes do Head Start foram comparados a crianças não participantes de uma lista de espera. Os pesquisadores perceberam uma variedade de resultados positivos nos participantes, inclusive resultados positivos nas áreas cognitiva e de saúde das crianças, assim como benefícios na saúde e nas práticas de cuidados dos pais.

O Head Start Impact Study,⁷ financiado pelo governo federal, combina as melhores características de pesquisas anteriores sobre o Head Start, utilizando um rigoroso formato experimental, com uma amostra representativa em termos nacionais de cerca de cinco mil crianças. Iniciado em 2002, as crianças entre 3 e 4 anos de idade foram escolhidas aleatoriamente para o grupo Head Start e para grupos não pertencentes ao programa, fornecendo uma base mais adequada para analisar os resultados do programa e eliminando as preocupações relacionadas ao viés de seleção associado a estudos anteriores. Esse projeto experimental complementa um estudo experimental anterior de larga escala do Early Head Start,⁸ que identificou impactos positivos de curto prazo para crianças pequenas e seus pais.

O Impact Study examinou os progressos nas áreas cognitiva, socioemocional, de saúde e de cuidados dos pais para crianças participantes e não participantes do programa. Os resultados iniciais de um único ano com as crianças participantes do programa foram modestos. Por exemplo, o efeito sobre o vocabulário receptivo foi de cerca 1/10 de um desvio padrão – praticamente o mesmo resultado obtido pelo Early Head Start. Nenhum resultado significativo foi

constatado na área de matemática. Após um ano de participação, o impacto mais forte do Head Start foi verificado nos relatos dos pais sobre as habilidades de letramento das crianças e sobre o atendimento odontológico. O projeto do Estudo de Impacto também permitiu aos pesquisadores examinar os efeitos de longo prazo na escola de ensino fundamental.⁹ Em geral, as comparações longitudinais de acompanhamento indicaram que os resultados iniciais positivos encontrados após um ano de participação no Head Start não foram mantidos consistentemente até o final do terceiro ano. Embora esta pesquisa tenha uma concepção rigorosa, vale a pena notar que há alguns desafios na interpretação dos dados, devido a problemas que incluem o fato de que a maioria das crianças do grupo de comparação participou de outros programas pré-escolares (ou mesmo de programas Head Start) após ter sido designada para o grupo de controle do estudo.

Conclusões

Embora o Head Start venha sendo tema de estudos desde sua fundação, nos anos 60, ainda restam muitas questões a serem pesquisadas. Resultados de um grupo de pesquisas metodologicamente mais consistentes realizadas nas últimas duas décadas indicam que a participação no Head Start produz resultados positivos modestos para as crianças. Entretanto, a magnitude desses impactos e as questões sobre qual seria o grau em que esses impactos seriam sustentados sugerem que o programa ainda não atingiu seu potencial máximo. Uma explicação plausível é que os serviços educacionais oferecidos pelo Head Start têm sido demasiadamente deficientes. Em particular, os dados observacionais indicam que a qualidade da instrução está abaixo da desejada, enquanto que a qualidade do suporte emocional é razoavelmente forte. Provavelmente, a melhoria exige um desenvolvimento mais profissional e outros investimentos com o quadro de pessoal.¹⁰ O programa carece de recursos para a contratação de professores com qualificação no nível de educação infantil – especialmente com bacharelado –, e para remunerá-los adequadamente. A renovação da autorização mais recente para a realização do programa Head Start em 2007 exigiu que pelo menos 50% dos professores contratados para trabalhar em programas baseados em escolas tivessem concluído o bacharelado até 2013 e, no ano fiscal de 2015, 73% dos professores das crianças em idade pré-escolar do programa Head Start baseado em centros especializados tinham diplomas de bacharel.¹ Potencialmente, isso pode aumentar a qualidade dos serviços Head Start para além dos serviços oferecidos no início das pesquisas como o Estudo do Impacto do Head Start. Entretanto, ao recrutar e manter professores com diplomas de bacharel, o Head Start deve competir com os programas pré-escolares e de jardim de infância da rede pública que pagam salários mais altos. Como resultado, as

qualificações e os salários dos professores continuam a ser questões-chave para o Head Start.

Implicações

O Head Start representa uma oportunidade inicial de ajudar crianças que vivem em condições de pobreza, para que possam alcançar sucesso educacional. No entanto, com seu nível atual de recursos, o programa Head Start não tem condição de atender a todas as crianças elegíveis. Para muitas daquelas que são atendidas, o programa não pode oferecer professores altamente qualificados. Além disso, os benefícios associados à participação no Head Start são modestos se comparados a modelos de iniciativas de educação pré-escolar mais intensivas.

Ao propor prioridades futuras ao Head Start, os formuladores de políticas deparam-se com diversas decisões importantes. O programa Head Start deveria ser ampliado de modo a atender a todas as crianças que vivem em condições de pobreza? Como as qualificações dos professores poderão melhorar e quais são as implicações das qualificações mais elevadas dos professores no que se refere aos salários e retenção dos professores? Como os programas Head Start são coordenados com os programas pré-escolares da rede pública que, frequentemente, atendem a populações de crianças similares? Qual a melhor combinação de serviços, e que tipo de currículo dever ser oferecido? À medida que o Head Start evolui, pesquisas sobre o programa contribuirão para o conhecimento de como fazer intervenções eficazes para crianças que vivem em condições de pobreza.

Referências

1. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Office of Head Start. Head Start program facts: Fiscal year 2015. Available at: <https://eclkc.ohs.acf.hhs.gov/hslc/data/factsheets/docs/head-start-fact-sheet-fy-2015.pdf>. Accessed January 17, 2017.
2. Barnett WS, Hustedt JT. Head Start's lasting benefits. *Infants and Young Children* 2005;18(1):16-24.
3. Garces E, Thomas D, Currie J. *Longer term effects of Head Start*. Cambridge, Mass: National Bureau of Economic Research; 2000. NBER Working Paper no. 8054. Available at: <http://www.nber.org/papers/w8054>. Accessed January 17, 2017.
4. Ludwig J, Miller DL. *Does Head Start improve children's life chances? Evidence from a regression discontinuity design*. Cambridge, Mass: National Bureau of Economic Research; 2005. NBER Working Paper no. 11702. Available at: <http://www.nber.org/papers/w11702>. Accessed January 17, 2017.
5. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Office of Planning, Research and Evaluation. *Head Start Family and Child Experiences Survey (FACES) 1997-2018*. Available at: <https://www.acf.hhs.gov/opre/research/project/head-start-family-and-child-experiences-survey-faces>. Accessed January 17, 2017.
6. Abbott-Shim M, Lambert R, McCarty F. A comparison of school readiness outcomes for children randomly assigned to a Head Start program and the program's wait list. *Journal of Education for Students Placed at Risk* 2003;8(2):191-214.

7. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families. *Head Start Impact Study: First year findings*. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families; 2005. Available at: <https://www.acf.hhs.gov/opre/resource/head-start-impact-study-first-year-findings>. Accessed January 17, 2017.
8. Love JM, Kisker EE, Ross CM, Schochet PZ, Brooks-Gunn J, Paulsell D, Boller K, Constantine J, Vogel C, Fuligni AS, Brady-Smith C. *Making a difference in the lives of infants and toddlers and their families: The impacts of Early Head Start*. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Administration for children and families; 2002. Available at: <https://www.acf.hhs.gov/opre/resource/making-a-difference-in-the-lives-of-infants-and-toddlers-and-their-families-0>. Accessed January 17, 2017.
9. Puma B, Bell S, Cook R, Heid C, Broene P, Jenkins F, Masburn A, Downer J. Third grade follow-up to the Head Start Impact Study: Final report. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families Office of Planning Research and Evaluation; 2012. Available at: <https://www.acf.hhs.gov/opre/resource/third-grade-follow-up-to-the-head-start-impact-study-final-report>. Accessed January 17, 2017.
10. Barnett WS, Friedman-Kruass AH. State(s) of Head Start; 2016. New Brunswick, NJ: NIEER. Available at: http://nieer.org/wp-content/uploads/2016/12/HS_Full_Reduced.pdf. Accessed January 26, 2016.

Impacto econômico do Head Start

Janet Currie, PhD

University of California, EUA

Abril 2009, Éd. rév.

Introdução

Head Start é um programa americano de educação infantil para crianças pobres com idade entre 3 e 4 anos. Em 2007, o programa gastou cerca de U\$ 7 bilhões com aproximadamente 900 mil crianças. O programa teve início na década de 1960, como parte da “Guerra contra a Pobreza” do então presidente Johnson. O objetivo inicial do programa era estimular adequadamente crianças carentes, de tal forma que, ao atingir a idade de ingresso no ensino fundamental, estivessem equiparadas àquelas que viviam em condições mais favorecidas. O projeto *Head Start* deveria atingir esse objetivo fornecendo uma ampla gama de serviços, inclusive exames médicos, refeições nutritivas e capacitação de pais, além de educação na primeira infância.

Durante muitos anos, o *Head Start* contou com amplo suporte bipartidário, e com apoio financeiro crescente e regular. Entretanto, críticas recentes têm atacado o *Head Start* por dois motivos. Primeiro, de acordo com os críticos, há pouca evidência de que o impacto causado pelo programa sobre as crianças seja duradouro. Segundo, alguns críticos argumentam que essa alegada falta de sucesso ocorre porque o programa não dedica atenção suficiente à superação do *deficit* acadêmico de crianças em idade pré-escolar, e que o dinheiro gasto com uma programação ampla deveria ser utilizado explicitamente para capacitação educacional.

Do que se trata

A pobreza custa caro para as pessoas afetadas e também para a sociedade. São gastos altos montantes em programas tais como capacitação profissional para adultos que não concluíram o ensino médio, e tratamento para jovens problemáticos. O *Head Start* é um modelo específico de intervenção precoce destinado a prevenir problemas futuros. É menos custoso e menos intensivo do que outros modelos de intervenção bem-sucedidos, baseados em cuidados infantis, tais como o *Perry Preschool* e o *Carolina Abecedarian*.^{1,2} Por exemplo, em 1998, o custo para manter uma criança no programa *Head Start* em meio período durante 34 semanas era de U\$5.201. Portanto, o custo para manter uma criança no programa por dois anos seria de aproximadamente U\$10 mil.

Em 1999, o custo do programa *Perry Preschool* por criança em meio período era de U\$12.884, para um atendimento por oito meses ao ano durante dois anos. Uma vez que 20% das crianças frequentavam o curso por apenas um ano, os números demonstram que o custo anual por criança no *Head Start* foi de cerca de US\$7 mil – aproximadamente 71% do custo do *Perry Preschool*. Portanto, grande parte da controvérsia sobre o programa está centrada em avaliar se, mesmo sendo menos intensivo, o programa pode ser considerado um sucesso em termos da relação custo/benefício.

Problemas

As crianças que participam do *Head Start* são selecionadas entre as menos favorecidas em suas comunidades. Na verdade, quando a demanda por vagas é muito grande, os operadores do programa devem identificar e selecionar os candidatos mais carentes. Além disso, algumas crianças são encaminhadas por outras agências sociais (como a *Child Protective Services*). Portanto, seria de esperar que, mantidas as demais condições e sem participar do programa, uma criança selecionada para o *Head Start* apresentaria piores resultados do que outras crianças. Ainda que o *Head Start* ajude a criança a obter resultados consideravelmente melhores, é possível que os participantes fiquem abaixo da média esperada para sua idade. Esta questão do processo seletivo torna impossível identificar os efeitos do *Head Start* simplesmente a partir da comparação entre crianças que participam e aquelas que não participam do programa.

Contexto de pesquisa

O governo americano realiza atualmente uma avaliação experimental do programa *Head Start*. Entretanto, a maioria das análises anteriores baseou-se em modelos não experimentais. Por exemplo, Oden *et al.*⁴ avalia por meio de grupos de controle. Currie e Thomas⁵ e Garces, Thomas e Currie⁶ comparam as crianças participantes do *Head Start* com seus irmãos, utilizando conjuntos de dados de larga escala representativos em nível nacional. Ludwig e Miller⁷ levam em consideração o fato de que, na década de 1960, os municípios mais pobres tinham maior probabilidade de receber verba do programa do que municípios com melhores condições, para identificar os efeitos dos gastos do programa sobre os resultados com crianças participantes.

Perguntas-chave da pesquisa

O *Head Start* tem impacto positivo e duradouro sobre as crianças? E em quais áreas?

Caso haja benefícios duradouros, são suficientemente significativos para compensar os custos do programa?

Os benefícios são diferentes nos diferentes subgrupos da população, tais como afro-americanos e falantes da língua inglesa como segunda língua? Em caso afirmativo, por quê?

Os efeitos do programa se extinguem com o passar do tempo? Em caso afirmativo, por quê?

Tendo em vista que existem variações locais nos programas *Head Start*, quais são os atributos daqueles que levam a melhores resultados em comparação com os demais?

O modelo utilizado pelo *Head Start* pode ser ampliado para prestar atendimento adequado a crianças mais novas?

Resultados de pesquisas recentes

Antes da avaliação experimental atual, a avaliação federal mais recente do *Head Start* foi a *Family and Child Experiences Survey*.⁸ Infelizmente, esse estudo não utilizou grupos controle. Focalizou a documentação dos avanços nas habilidades das crianças do *Head Start* ao longo de um ano de participação no programa. A maioria das crianças revelou ganhos em habilidades sociais. No entanto, uma vez que esses ganhos não podem ser comparados a nenhuma norma nacional, não está claro como utilizar tais constatações. Afinal, é previsível que a maioria das crianças em idade pré-escolar desenvolva as habilidades sociais ao longo do ano. Os benefícios cognitivos dos participantes do *Head Start* foram mensurados por meio de comparações com normas nacionais. Os achados foram consistentes com muitos outros estudos que documentaram ganhos no curto prazo em algumas habilidades cognitivas, especialmente verbais.

Resultados iniciais da avaliação experimental do *Head Start*, em andamento, sugerem que, após um ano, o programa tem um impacto positivo nos resultados de testes da ordem de 0,1 a 0,2 desvio padrão. Especificamente, foram constatados efeitos positivos nas áreas de identificação de letras e palavras, nos escores de testes de pré-escrita e vocabulário, e na frequência em que os pais leem para seus filhos.⁹ Não houve efeitos significativos na área de compreensão oral ou na área de matemática. Estudos anteriores^{3,10,11} constataram também um impacto positivo do *Head Start* no curto prazo.

Alguns estudos analisaram os efeitos do *Head Start* em resultados de mais longo prazo. No primeiro estudo desse tipo, Currie e Thomas⁵ utilizam dados do *National Longitudinal Survey of*

Youth (NLSY) para comparar crianças participantes do programa a seus irmãos não participantes. Constatam que, com o acompanhamento do programa, a diferença de escores em testes de vocabulário entre crianças participantes e a média nacional caiu para 1/3, sendo que essa avaliação foi realizada com crianças de 5 anos de idade. Assim, embora o programa tenha mostrado um impacto positivo considerável, não atingiu a meta de aumentar o nível das habilidades dos participantes ao nível padrão de crianças na mesma faixa etária. Constam também que os avanços obtidos por crianças afro-americanas perdiam força após três ou quatro anos (fato consistente com evidências experimentais prévias). No entanto, entre outros participantes, esses ganhos permaneciam, levando também a uma redução da taxa de repetência de série entre essas crianças. Por fim, constatam que o *Head Start* melhorou as taxas de imunização em meio a crianças em idade pré-escolar, o que demonstra a eficácia do programa de saúde oferecido pelo *Head Start*.

Lee e Loeb¹² mostram que, frequentemente, crianças que participam do *Head Start* continuam os estudos em escolas de baixa qualidade. Currie e Thomas¹³ mostram que existe uma relação étnica específica com esse fato: crianças afro-americanas que participaram do programa são encaminhadas para escolas de qualidade significativamente mais baixa, o que não ocorre com outras crianças afro-americanas. Essa situação não se verifica em meio a crianças brancas. Portanto, os autores presumem que a perda dos avanços obtidos por afro-americanos pode ser causada pela exposição a escolas de baixo nível. Currie e Thomas¹⁴ analisam os resultados do *Head Start* em crianças de origem hispânica (recorrendo a métodos e dados semelhantes aos utilizados anteriormente)⁵ e constatam que os resultados são amplamente positivos, especialmente em meio a crianças cujas mães não falavam inglês em casa.

Garces, Thomas e Currie⁶ desenvolvem a análise de resultados do programa no longo prazo utilizando dados extraídos do *Panel Study of Income Dynamics* sobre pares de irmãos. Constatam que, quando jovens adultos e brancos, o irmão que frequentou o programa *Head Start* tem maior probabilidade de ter concluído o ensino médio e frequentado o ensino superior do que o que não frequentou; e no caso de irmãos negros, o índice de criminalidade é menor entre os que participaram do programa.

Recentemente, Deming¹⁵ utiliza os mesmos dados e a mesma metodologia de Currie e Thomas⁵ em um grupo de crianças para reexaminar ganhos do *Head Start* no longo prazo. Constata que o programa preenche aproximadamente um terço da lacuna entre o quartil inferior de renda e a criança mediana na amostra em termos de um conciso índice de resultados. Vale observar que o

autor verifica também a perda dos efeitos do *Head Start* sobre escores de teste no caso de crianças afro-americanas e de crianças menos favorecidas. Ainda assim, essas crianças obtiveram os maiores benefícios em termos de resultados não relacionados a escores de testes, entre os quais menor índice de repetência de série, menor número de crianças com deficiência de aprendizagem, maior índice de conclusão do ensino médio, menor ociosidade e melhores condições de saúde. Deming argumenta que o *Head Start* fornece 80% dos benefícios oferecidos por programas mais intensivos a um custo 40% mais baixo.

É importante observar que a comparação entre irmãos tende a subestimar os benefícios do *Head Start* por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, erros resultantes de respostas aleatórias conduzirão a maior atenuação dos coeficientes estimados neste tipo de modelo do que em modelos ordinários de mínimo quadrado. Em segundo lugar, nas famílias em que uma criança frequentou o *Head Start* e a outra não, a diferença geralmente está relacionada a mudanças nas circunstâncias familiares – ou seja, diferentemente de seus irmãos, a criança participante do *Head Start* provavelmente foi exposta a pobreza e foi criada por apenas um dos pais (mãe ou pai) entre 3 e 5 anos de idade. Se a pobreza tem efeitos negativos na primeira infância (ver Duncan *et al.*)¹⁶, seria de esperar que o participante do *Head Start* obtivesse piores resultados do que seu irmão não participante, tendo em vista as diferentes condições intrafamiliares. Nessas circunstâncias, a constatação de efeitos positivos do programa é ainda mais irrefutável.

Carneiro, Ginja, e Meghir¹⁷ utilizam dados do NLSY, mas recorrem a uma metodologia diferente para analisar os efeitos do *Head Start* em adolescentes. Apoiam-se no fato de que o critério de restrição de recursos gera descontinuidade na elegibilidade, dificultando a identificação dos efeitos do *Head Start*. Constatam que o *Head Start* reduz a probabilidade de repetência de série, problemas comportamentais e obesidade em meio a adolescentes entre 12 e 13 anos de idade, e reduz o comportamento criminoso e a depressão em adolescentes de 16 e 17 anos de idade.

Durante 17 anos, Oden *et al.*⁴ conduziram um estudo de acompanhamento no Colorado e na Flórida, envolvendo 622 crianças que nasceram na pobreza, até a idade adulta. Aquelas que frequentaram o programa foram comparadas a crianças da mesma área que não participaram. Esse estudo mostrou que os participantes do *Head Start* tendiam a obter melhores resultados do que os não participantes, embora essa diferença não fosse estatisticamente significativa. Entretanto, esse efeito positivo relativamente modesto talvez esteja relacionado ao fato de crianças do *Head Start* serem selecionadas entre aquelas que estão nas condições menos favoráveis entre todas as que vivem na pobreza em suas comunidades. A comparação entre

tratamentos e controles relativos a poucas características observáveis não elimina a possibilidade de que controles e tratamentos difiram em dimensões não observadas.

O *Chicago Child-Parent Centers* é um programa de intervenção precoce que teve início com um aperfeiçoamento da pré-escola e teve continuidade com o aperfeiçoamento de um currículo para crianças com idade escolar até os 9 anos de idade. Essa intervenção equivale a fornecer um programa de pré-escola semelhante ao *Head Start*, aprimorando a escola que será frequentada em seguida pelas crianças do programa. Reynolds *et al.*¹⁸ acompanharam as crianças do programa até o final do ensino médio, comparando-as com um grupo de crianças que moram na mesma área, mas não frequentaram o programa. Perceberam benefícios em relação à delinquência, crimes e resultados de testes de habilidade. Incluem uma análise simples da relação custo-benefício, que sugere que cada dólar gasto no programa economizou para o governo U\$3,69 com gastos futuros.

Ludwig e Miller⁷ utilizam o método de “regressão-descontinuada” para avaliar os efeitos do programa. Quando o *Head Start* foi introduzido, os 300 municípios mais pobres do país receberam ajuda especial para candidatar-se aos recursos do programa. Portanto, as crianças nesses municípios tiveram maior probabilidade de frequentar o programa do que aquelas que viviam em municípios um pouco menos carentes que não receberam essa assistência. Ludwig e Miller constatam que o aumento da eficácia do programa está diretamente associado à redução na taxa de mortalidade de crianças entre 5 e 9 anos de idade nesses municípios. Os autores constatam também maior probabilidade de conclusão do ensino médio e de ingresso no ensino superior em meio aos participantes do programa. Curiosamente, os efeitos constatados sobre crianças afro-americanas geralmente são mais evidentes do que no caso de crianças brancas.

Currie e Neidell¹⁹ comparam os dados do programa *Head Start* com dados relacionados a idade/série do aluno do programa do NLSY. Constatam que programas *Head Start* com maior gasto *per capita* tendem a obter melhores resultados do que outros programas *Head Start*; e que programas que investem mais em atividades direcionadas à criança – tais como educação, saúde e nutrição – tendem a obter melhores resultados do que programas que investem mais em outras atividades – tais como capacitação dos pais. Entretanto, não avaliam os resultados para os pais.

Avaliações recentes analisam os resultados do programa *Early Head Start* (EHS), criado em 1994. A porcentagem do investimento do *Head Start* no EHS tem aumentado consideravelmente desde então, alcançando 10% em 2002. O EHS é organizado e avaliado de acordo com os mesmos

padrões do programa Head Start. Este componente de avaliação foi introduzido no EHS com o intuito de encorajar algumas mães que ainda hesitam em deixar seus filhos na creche. Foram escolhidos 17 locais para fazer parte da avaliação nacional, e em cada um deles vem sendo realizado o acompanhamento de tratamentos e controles designados aleatoriamente. As avaliações mostram que o programa com crianças de 3 anos de idade parecem muito positivos: os participantes do EHS registram escores significativamente mais altos em diversos testes de desenvolvimento cognitivo, demonstram comportamento menos agressivo e menos negativo em relação aos pais em momentos de brincadeira, e demonstram também maior capacidade de concentração em um único objeto enquanto brincam. Será muito importante avaliar se esses ganhos se manterão ao longo dos anos.

Conclusões e implicações

Ainda há muito a aprender sobre o programa *Head Start*. Por exemplo, o programa é uma “caixa preta”, e há muito mais dúvidas do que certezas sobre o que podemos perceber em relação a quais medidas específicas devem ser tomadas para aperfeiçoar o programa *Head Start*. Além disso, não está claro se devemos ou não nos preocupar com a perda da força dos efeitos positivos sobre testes cognitivos, uma vez que foram constatados benefícios positivos em realizações escolares. O *Head Start* tem sido visto como um “investimento na criança”. Esse paradigma deve ser considerado seriamente por meio de investigações dos benefícios de longo e de curto prazo gerados pelo programa.

Aumenta continuamente o número de estudos que vêm realizando tais investigações, e que mostram os efeitos positivos de longo prazo que o *Head Start* produz para as crianças. Embora superficiais, tentativas de quantificar esses benefícios e de ponderá-los em relação aos custos sugerem boa relação custo-benefício, uma vez que os ganhos obtidos por meio do programa compensam o investimento financeiro. Além disso, esse tipo de cálculo geralmente leva em consideração uma perspectiva restrita, e inclui redução de custos como um benefício para o governo. Muitos tipos de benefícios – tais como melhoria na vida dos pais – têm recebido pouca atenção nos resultados relatados, sugerindo que, sob uma perspectiva universal, os resultados seriam ainda mais favoráveis.

Références

1. Schweinhart LJ, Montie J, Xiang Z, Barnett WS, Belfield CR, Nores M. *Lifetime effects: The High/Scope Perry Preschool Study through age 40*. Ypsilanti, Mich: High/Scope Press; 2005.

2. Campbell FA, Ramey CT, Pungello E, Sparling J, Miller-Johnson S. Early childhood education: Young adult outcomes from the Abecedarian Project. *Applied Developmental Science* 2002;6(1):42-57.
3. Karoly LA, Greenwood PW, Everingham SS, Houbé J, Kilburn MR, Rydell PC, Sanders M, Chiesa J. *Investing in our children: What we know and don't know about the costs and benefits of early childhood interventions*. Santa Monica, Calif: RAND; 1998. Disponível em : <http://www.rand.org/publications/MR/MR898/>. Acesso em: 22 de abril de 2009.
4. Oden S, Schweinhart LJ, Weikart DP, Marcus S, Xie Y. *Into adulthood: A study of the effects of Head Start*. Ypsilanti, Mich: High/Scope Press; 2000.
5. Currie J, Thomas D. Does Head Start make a difference? *American Economic Review* 1995;85(3):341-364.
6. Garces E, Thomas D, Currie J. Longer term effects of Head Start. *American Economic Review* 2002;92(4):999-1012.
7. Ludwig J, Miller DL. *Does Head Start improve children's life chances? Evidence from a regression discontinuity design*. Washington, DC: Georgetown Public Policy Institute; 2005.
8. Zill N, Resnick G, McKey RH. What children know and can do at the end of Head Start and what it tells us about the program's performance. Paper presented at: Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development; April 15-18, 1999; Albuquerque, NM. Disponível em : http://www.acf.hhs.gov/programs/opre/hs/faces/pres_papers/what_children_know/children_know.html. Acesso em: 22 de abril de 2009.
9. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families. *Head Start impact study: First year findings*. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services; 2005. Disponível em : http://www.acf.hhs.gov/programs/opre/hs/impact_study/reports/first_yr_finds/firstyr_finds_title.html. Acesso em: 22 de abril de 2009.
10. Barnett WS. Long-term effects of early childhood programs on cognitive and school outcomes. *The Future of Children* 1995;5(3):25-50. Disponível em : http://www.futureofchildren.org/information2826/information_show.htm?doc_id=77669 . Acesso em: 22 de abril de 2009.
11. Currie J. Early childhood education programs. *Journal of Economic Perspectives* 2001;15(2):213-238.
12. Lee VE, Loeb S. Where do Head Start attendees end up? One reason why preschool effects fade out. *Educational Evaluation and Policy Analysis* 1995;17(1):62-82.
13. Currie J, Thomas D. School quality and the longer-term effects of Head Start. *Journal of Human Resources* 2000;35(4):755-774.
14. Currie J, Thomas D. Does Head Start help Hispanic children? *Journal of Public Economics* 1999;74(2):235-262.
15. Duncan GJ, Yeung WJ, Brooks-Gunn J, Smith JR. How much does childhood poverty affect the life chances of children? *American Sociological Review* 1998;63(3):406-423.
16. Reynolds AJ, Temple JA, Robertson DL, Mann EA. Long-term effects of an early childhood intervention on educational achievement and juvenile arrest: A 15-year follow-up of low-income children in public schools. *JAMA - Journal of the American Medical Association* 2001;285(18):2339-2346.
17. Currie J, Neidell M. Getting inside the 'black box' of Head Start quality: What matters and what doesn't. *Economics of Education Review* 2007;26(1):83-99.
18. Raikes HH, Love JM. Early Head Start: A dynamic new program for infants and toddlers and their families. *Infant Mental Health Journal* 2002;23(1-2):1-13.
19. Currie J, Neidell M. Getting inside the 'Black Box' of Head Start quality: What matters and what doesn't. *Economics of Education Review* 2007;26(1):83-99.
20. Raikes HH, Love JM. Early Head Start: A dynamic new program for infants and toddlers and their families. *Infant Mental Health Journal* 2002;23(1-2):1-13.

Política Head Start: Comentários de Currie, e Hustedt e Barnett

Edward Zigler, PhD

Sterling Professor of Psychology, Emeritus Yale University, EUA

Dezembro 2005

Introdução

O comitê interdisciplinar de planejamento que idealizou o programa *Head Start* reconheceu que crianças pequenas que vivem em condições de pobreza precisam muito mais do que apenas educação pré-escolar para o ingresso no ensino fundamental. Portanto, o *Head Start* foi formulado com base em dois aspectos fundamentais, que caracterizam o programa até hoje: (1) serviços abrangentes, incluindo educação, saúde física e mental, e serviços sociais para pais e filhos; e (2) um compromisso de envolver os pais em atividades de sala de aula e no gerenciamento do programa. Assim, o programa *Head Start* foi a primeira intervenção a adotar, de maneira intencional, uma abordagem abrangente envolvendo integralmente duas gerações no desenvolvimento da primeira infância.¹

Currie e Hustedt e Barnett relatam que esses princípios alimentam a controvérsia atual sobre o conteúdo e a eficácia do programa, que acompanhou a transição da gestão Clinton – grande incentivador do *Head Start* – para a gestão George W. Bush – que criticou o programa desde o início de sua primeira campanha. Devido à pressão da administração Bush, que enfatizava alfabetização e habilidades matemáticas, o *Head Start* é atualmente um programa conceitualmente conflitante em relação à melhor forma de cumprir a missão de melhorar o nível das habilidades das crianças para seu ingresso no ensino fundamental. O conflito reside entre a abordagem que pensa a criança integralmente, e que demanda uma variedade de serviços, e a abordagem cognitiva, que focaliza habilidades estritamente acadêmicas.² O conhecimento de todo o campo da ciência do desenvolvimento endossa a abordagem que pensa a criança de maneira integral.³

A base de conhecimento deixa claro também que a qualidade dos serviços prestados na primeira infância tem relação direta com os resultados obtidos pela criança. Não é segredo que o *Head Start* começou com algumas barreiras qualitativas intrínsecas que ainda precisam ser

superadas. O componente de educação pré-escolar tem sido particularmente problemático.⁴ O programa nunca dispôs de verba suficiente para contratar uma força de trabalho de professores qualificados, a despeito das obrigações previstas em seu mandato. Atualmente apenas 27% dos professores do *Head Start* possuem bacharelado,⁵ muito embora a população de alto risco atendida pelo programa precise das habilidades e da capacitação de professores qualificados.

Outro obstáculo é o fato de não ter havido controle de qualidade ao longo dos anos iniciais do programa. Somente a partir de 1975 foram editados os Padrões de Desempenho do Programa *Head Start (Head Start Program Performance Standards)* – 10 anos após o início do programa. Além disso, a verba designada para pesquisa e desenvolvimento e para melhoria dos serviços foi inconsistente ao longo do tempo. O momento mais crítico do programa ocorreu no início da década de 1990, quando a qualidade caiu a ponto de o autor afirmar publicamente que cerca de 30% dos centros *Head Start* tinham qualidade tão baixa que deveriam ser fechados. Desde então, o Congresso designou verba para a melhoria de qualidade, os Padrões de Desempenho foram revisados e, pela primeira vez, inúmeros centros de baixa qualidade foram fechados. O resultado é uma gradual, porém definitiva, elevação da qualidade do *Head Start*. Uma vez que a qualidade tem impacto evidente sobre os resultados, pesquisas posteriores sobre a eficácia do programa deveriam revelar outros aspectos relacionados ao potencial do programa não identificados anteriormente. Currie e Hustedt e Barnett examinam estudos recentes para analisar se já é possível determinar os benefícios do *Head Start*.

Pesquisas e conclusões

Esses trabalhos desempenham a louvável função de revisar evidências empíricas relevantes, para avaliar se o *Head Start* promove resultados no curto e no longo prazo, analisar a qual público atende melhor, e se compensa o investimento. Tais avaliações têm importância significativa, uma vez que os avanços e os recursos destinados ao *Head Start* aumentam ou diminuem de acordo com a divulgação dos principais estudos que recebem atenção dos meios de comunicação. O destaque recente foi o estudo *FACES*, que mostrou inúmeros benefícios que se fortaleceram após um ano do *Head Start*. Entretanto, o autor concorda com os dois estudos anteriores, que mostram que o *FACES* é uma avaliação relativamente frágil dos resultados obtidos pelo programa.

O estudo em andamento – *National Head Start Impact* – adota um modelo metodológico rigoroso. Como observaram os dois trabalhos anteriores, esse estudo padrão, baseado em “intenção de corrigir”, está em andamento e os resultados do primeiro ano já foram relatados. Ao contrário das

inferências de Curry, embora muitas das crianças do grupo controle tenham participado de outras intervenções, a amostra é suficientemente ampla para permitir uma comparação entre as crianças que frequentam o *Head Start* e as não participantes que receberam apenas cuidados dos pais. Não obstante, há sérias questões colocadas por esse estudo – por exemplo, um número considerável de crianças do grupo controle na verdade frequentava um programa *Head Start* formal (seus pais simplesmente as levavam a centros próximos que não estavam incluídos no estudo).

Atualmente esses problemas vêm sendo sanados, e ao final do estudo teremos um conjunto de dados de muito melhor qualidade do que temos agora. Entretanto, a enorme relevância das constatações do primeiro ano de estudo para a vida do *Head Start* não admite contemporização por parte dos interessados.

Embora aparentemente os pesquisadores concordem que os resultados encontrados são positivos, há algumas divergências quanto à relação custo-benefício do programa, cujos resultados positivos talvez não sejam suficientes para compensar seu alto custo. Por exemplo, os dois estudos anteriores enfatizaram os efeitos modestos do programa. Um panorama bem mais positivo dos mesmos resultados foi apresentado por uma importante organização de pesquisa – a *Society for Research in Child Development*.⁶ Wade Horn, representante do governo responsável pelo *Head Start*, respondeu que tais resultados indicam que “o *Head Start* precisa ser aprimorado”.

Implicações para o desenvolvimento e para políticas

O *Head Start* padece desde o início da falta de um objetivo preciso e realista. O comitê de planejamento estabeleceu como objetivo inúmero marcos de referência de desenvolvimento humano, todos sob o objetivo abrangente de aprimorar as habilidades da criança na fase de preparação para seu ingresso na escola. Nos anos iniciais, a maioria das avaliações do *Head Start* utilizou como barômetro testes de QI ou testes semelhantes de aprimoramento de escores acadêmicos. Na década de 1970, a competência social diária, medida transversalmente através de diversas áreas, tornou-se o objetivo oficial.⁷ Em 1998, ao ser reautorizado, o *Head Start* esclareceu este aspecto, determinando que a prontidão escolar seria o objetivo do programa, incluindo saúde física e mental, habilidades sociais e emocionais, e habilidades acadêmicas iniciais. Cumpre observar que, com exceção da administração Bush, ninguém jamais declarou que o objetivo do programa era colocar as crianças *Head Start* no mesmo nível de habilidades de

prontidão escolar de crianças de classe média. Acreditar que uma intervenção de nove meses de duração possa eliminar essa grande diferença de resultados educacionais entre as crianças é o mesmo que acreditar em mágica.⁸

Wade Horn tem razão quando afirma que o *Head Start* precisa melhorar. Os dois estudos anteriores e este comentário indicam uma direção. Cada professor responsável por uma turma do *Head Start* deve ter bacharelado em educação infantil,⁹ e cada professor assistente deve ter concluído um curso técnico na área ou deve ter certificação em desenvolvimento infantil. É preciso reconhecer a grande dificuldade em melhorar a trajetória de crianças que vivem em condições de pobreza, e o programa deve ser ampliado para dois anos para crianças a partir de 3 anos de idade. Embora Hustedt e Barnett afirmem que o *Head Start* “atende à maioria de suas crianças por dois anos letivos”, na verdade 68% delas participam do programa por apenas um ano.⁵ Atualmente, 62 mil crianças estão inscritas no *Early Head Start* – um programa que atende crianças desde o nascimento até os 3 anos de idade, supostamente por vários anos.¹¹ Apesar de evidências que comprovam que um programa de dois anos do *Head Start* prepararia melhor os participantes do que em apenas um ano,¹² não se justifica a ampliação desse período, uma vez que o programa atende a apenas 60% das crianças elegíveis, e quase nenhuma delas que vive próximo da linha da pobreza.

Atualmente os estados vêm assumindo a missão que o governo federal não cumpriu. Um movimento adequadamente financiado e organizado está em curso para universalizar a educação infantil. Quatro estados já aprovaram essa legislação, outros estão a caminho de fazê-lo.¹³ Esse desenvolvimento não deve extinguir o *Head Start*. A riqueza da experiência do programa deve ser utilizada para subsidiar os programas dos estados. Consistente com nossa base de conhecimento, a ênfase do *Head Start* deve ser deslocada para fornecer serviços abrangentes para as crianças e suas famílias – o que é improvável que as escolas públicas façam –, prestando serviços de saúde mental para crianças pequenas de todos os níveis de renda, com dificuldades emocionais ou comportamentais, e expandindo o *Early Head Start* – uma abordagem preventiva para a falta de prontidão escolar.¹⁴

Références

1. Smith S, ed. *Two generation programs for families in poverty: a new intervention strategy*. Norwood, NJ: Ablex; 1995.
2. Zigler EF, Singer DG, Bishop-Josef SJ, eds. *Children's play: the roots of reading*. Washington, DC: Zero to Three Press; 2004.
3. Shonkoff JP, Phillips DA, eds. *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Washington, DC: National Academy Press; 2000. Disponível em : <http://www.nap.edu/books/0309069882/html/>. Acesso em: 20 de março de 2006.

4. Omwake EV. Assessment of the Head Start preschool education effort. In: Zigler E, Valentine J, eds. *Project Head Start: A legacy of the war on poverty*. New York, NY: Free Press; 1979:221-228.
5. Head Start Bureau. *Biennial report to Congress: The status of children in Head Start programs*. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services; 2003. Disponível em : http://www.acf.hhs.gov/programs/hsb/about/biennial_report_2003.pdf. Acesso em: 30 de outubro de 2007.
6. Society for Research in Child Development. Placing the first year findings of the National Head Start Impact Study in context. Disponível em : <http://www.srcd.org/documents/policy/Impactstudy.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2006.
7. Zigler E, Trickett PK. IQ, social competence, and evaluation of early childhood intervention programs. *American Psychologist* 1978;33(9):789-798.
8. Brooks-Gunn J. Do you believe in magic?: What we can expect from early childhood intervention programs. *Social Policy Report* 2003;17(1):3-14.
9. Bowman BT, Donovan MS, Burns MS, eds. *Eager to learn: Educating our preschoolers*. Washington, DC: National Academy Press; 2000. Disponível em : <http://www.nap.edu/openbook/0309068363/html/>. Acesso em: 20 de março de 2006.
10. Rothstein R. *Class and schools: using social, economic, and educational reform to close the Black-white achievement gap*. New York, NY: Teachers College Press; 2004.
11. U.S. Department of Health and Human Services. Administration for Children and Families. Head Start Bureau. Head Start program fact sheet 2005. Disponível em : <http://www.acf.hhs.gov/programs/hsb/about/fy2005.html>. Acesso em: 30 de outubro de 2007.
12. Wheeler CM. A longitudinal investigation of preschoolers' Head Start experience and subsequent school readiness. *Dissertation Abstracts International* 2002;63(03):1592B.
13. Zigler E, Gilliam WS, Jones SM, and colleagues. *A vision for universal preschool education*. New York, NY: Cambridge University Press. Sous presse.
14. Zigler E, Gilliam WS, Jones SM, with Styfco SJ. A place for Head Start in a world of universal preschool. In: Zigler E, Gilliam WS, Jones SM. *A vision for universal preschool education*. New York, NY: Cambridge University Press. Sous presse.